

# CEARÁ: O POVO E A TERRA QUE NOS ACOLHE

REALIDADE SOCIOCULTURAL E RELIGIOSA DO CEARÁ

**Pe. Vileci Basílio Vidal**

Presbítero da Diocese de Crato - CE

Assessor da Ampliada Nacional das CEBs

# Como era a vida no Ceará em tempos passados?

## 1. Visão holística: tudo está integrado e não separado

- Vivemos no semiárido e “semiárido não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social” (MALVEZZI, 2007, 9).
- O semiárido abrange uma área de 912.000 km<sup>2</sup>, onde vive cerca de 22 milhões de pessoas que representam 46% da população nordestina e 13% da brasileira. É o semiárido mais chuvoso do planeta, variando entre 250 mm/ano a 800mm/ano, equivalente a 750mm/ano.
- É também o semiárido mais populoso do mundo, porém, o de condições de vida mais precária, onde o subsolo é formado 70% por rochas cristalinas que dificultam a formação de mananciais perenes. O grande problema não é a quantidade de água de chuva que cai, mas a evaporação que corresponde a 2.200 mm/ano, uma precipitação com luminosidade superior a 3.000 de sol/ano.
- Outra dificuldade é a variação das chuvas no tempo e no espaço, a cobertura vegetal do semiárido é o bioma caatinga e com solos rasos e pobres.

## 2. Novo conceito de semiárido

- A imagem do semiárido como clima sempre foi distorcida: região árida, que não chove, dos açudes secos, de animais mortos, de um povo que vive migrando. Trata-se de uma realidade onde o ideológico servia para justificar a natureza dos problemas políticos, sociais e culturais.
- E o processo da desmistificação é a gestão de um novo conceito civilizatório de convivência com o semiárido que vai sendo gestado pelos camponeses quanto ao enfrentamento, no seu dia a dia, diante das estações da seca. Trata-se da interferência do homem no ambiente, mas respeitando as leis de um ecossistema que, embora frágil, tem riquezas surpreendentes (cf. MALVEZZI, 12).
- E, a primeira lei de convivência com o semiárido é a captação da água da chuva, uma prática milenar, usada pelo povo de Israel desde os tempos bíblicos: as famosas cisternas de placas que ajudam a desaparecer as doenças veiculadas por águas contaminadas, diminuem a mortalidade infantil e sofrimento de pessoas, principalmente dos idosos. Alivia-se o trabalho das mulheres e estabelece maior independência em relação aos políticos.
- As cisternas construídas no entorno da casa para captar água do telhado é para beber, outras tecnologias como barragens subterrâneas, cisternas de enxurradas servem para cultivar quintais produtivos, criação de pequenos animais e, com a floragem mais frequente, a criação de abelha. Estas são pequenas ações implantadas no semiárido através da luta pela cidadania e afirmação da identidade camponesa no seu contexto histórico.

### 3. Formação sociocultural do cearense

- A fragilidade da identidade cultural cearense deve-se a ação dos colonizadores, do aniquilamento físico do indígena e da sua cultura entre os povos remanescentes e mestiçados. Cultura esta que foi reiteradamente menosprezada, taxada de inferior e substituída pelos valores, usos e costumes do invasor branco. O “ocultamento da cultura dos negros foi um processo similar. Difundiu-se a ideia de sua “quase” não existência no Ceará e o mito da “escravidão branda”.
- As dificuldades climáticas por sua vez, nunca eficazmente enfrentadas pelo governo, minando em diversos períodos a economia do Estado, fortaleceram um sentimento de impotência e inferioridade entre os cearenses.
- A urbanização acelerada de Fortaleza e de algumas cidades do interior teve por consequência a negação das culturas sertanejas e a rejeição de nossas origens índia, negra e mestiça, suscitando a supervalorização da cultura do sudeste brasileiro e norte americana.
- Um outro problema é que na preservação da memória tem prevalecido a história das elites, construções, objetos, documentos parecem nos reter a um mundo em que só esses vestígios tiveram importância. Ainda são poucas as ações que dão visibilidade aos agricultores, pescadores, vaqueiros, lavadeiras, ferreiros, sansoneiros e tantas profissões e ofícios (rezadeiras, benzedadeiras, parteiras) que construíram nosso patrimônio cultural. Os diversos tipos de moradias populares, sua mobília, utensílios são igualmente relevados a segundo plano. E isso gerou um sentimento de que só aquele passado (das elites) tem importância.

### 3.1. Formação do povo cearense

- A formação do povo cearense tem influência climática, pois, interfere no modo como se enfrenta as grandes estiagem. O Estado do Ceará, baseado em estudos da FUNCEME, 92,1% do seu território – 138.323 km<sup>2</sup>, onde está a área denominada “polígono das secas”, praticamente todo o rural cearense, apresentam fortes restrições ao uso agrícola; dos 3,04 milhões de pessoas economicamente ativa, 35,5% se ocupavam predominantemente de atividades sequeiras, verificava-se uma elevada taxa de analfabetismo no seguimento populacional, uma frágil estrutura de técnicas elementares de preparo, conservação e uso do solo na cultura de subsistência entre os camponeses.
- Frente a essa realidade, novas tecnologias adaptadas a realidade ambiental foram desenvolvidas como estratégias, com a intenção de diminuir a pressão migratória da população e reduzir o êxodo rural para as cidades maiores do Estado.
- A formação da cultura cearense processou-se com a contribuição das etnias branco-europeia, ameríndia e negro africana, sob a hegemonia da primeira. Foi o branco europeu quem determinou nossas instituições principais como a língua, os poderes políticos, o direito, o sistema econômico, a organização da família e o processo de cadeiamento que se deu nas fazendas de gado e engenhos de cana. Na composição do nosso tipo físico são maiores os nossos traços indígenas, brancos e negros.
- O protuguês que aqui chegou, juntamente com negros e indígenas originários de outras regiões brasileiras, já trazia características mistiças com traços culturais diversos, celtas, lusos, árabes, mouros, judeus e afro-negros. Este espírito aventureiro do ibérico que aqui chegou, somou-se com o estilo de vida igualmente nômade e guerreiro do ameríndio – os pitaguaras e tabaguaras da família tupi, entre eles os Tremembé que abitavam no litoral e na chapada da Ibiapaba: jês ou tapuias,, o povo canindé, carús, icós, jucas, jandoins e jenipapos no sertão e os índios cariris. São várias municípios com nomes indígenas: Aquiraz, Acaraú, Aracati, Assaré, Careau, Cariús, Itapipoca, Itapajé, Jeriquaquara, Jaguaribe, Jucas, Potengi e tantos outros.

### **3.2. Contribuição do povo indígena**

- Os primeiros habitantes do território cearense foram vítimas de um processo de massacre contínuo e obstinado tanto cultural quanto físico, que anulou grande parte de sua possível contribuição à formação de nossa cultura. Os que não foram eliminados fisicamente sobreviveram aldeados e manietados em missões organizadas pelo clero católico. E a mestiçagem foi o modo mais eficiente que encontraram para escapar à extinção, no qual predominam caboclos (mestiço de branco com índio) e cabras (mestiço de mulato e negro).
- Costumes agrícolas que herdamos dos povos indígenas: o cultivo da mandioca e do milho, caça e pesca; utensílios e artefatos como a cuia de cabaça, a rede e a jangada, rico acervo linguístico, costumes como o do banho frequente e a maneira de andar em fila, posturas corporais como o ficar de cócoras, práticas alimentares, folguedos como a dança do torém, instrumentos musicais como o tambor de cabaça, rituais e traços da religiosidade popular.
- Mas a forte discriminação sofrida pela população indígena no Ceará, na época colonial, bem como a condenação de seus costumes pela Igreja católica, fez com que muitos de seus descendentes renegassem a ascendência indígena, usos e costumes antigos.

### **3.3. Contribuição do povo negro**

- O Ceará é um dos estados Nordestinos com menor presença negra. Os habitantes africanos e seus descendentes, em 1851, chegaram a ser 35.011 para uma população de 482.287, a maioria mestiça.
- Foram introduzidos como escravos, predominando no sertão os negros de Angola e no Cariri, os do Congo. Os seus senhores aproveitaram da sua mão de obra nos engenhos de cana e no pastoreio do gado, particularmente no Cariri e, como escravos, eram violentamente tratados e perseguidos. Isso resultou em fugas e rebeliões individuais como forma de resistência.
- Abolida a escravidão, os negros se incorporam à população de trabalhadores pobres num processo de mestiçagem, que tem como exceção as comunidades quilombolas. É marcante a contribuição afro-negra e muitas vezes decisivas no enriquecimento do nosso vocabulário, na conformação de nossas danças, nas músicas e folguedos, na alimentação, nos costumes religiosos místicos em geral.

### 3.4. O ciclo do gado

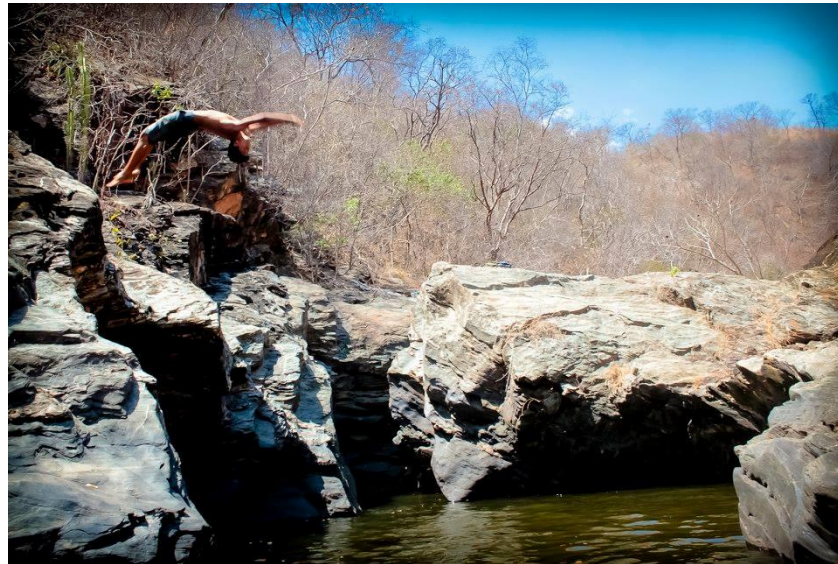
- O ciclo do gado criou a figura dos “coronéis” e “doutores” que disputavam os territórios, e a partir do estabelecimento dos proprietários em suas fazendas, no século XVIII, em torno das casas grandes, som seu curral de gado foi se somando a casa de farinha, o engenho de rapadura e a capela da fazenda. Daí, então, surge as divisões de trabalho com a presença marcante do negro e uma categoria de trabalhadores fortemente agregados de mão-de-obra especializada que servem como massa de manobra na defesa de seus senhores, conhecidos como capangas ou jagunços dos coronéis.
- Surge também a figura do vaqueiro, que exerce o ofício de pastorear o gado da fazenda, e as festas de vaquejadas. O vaqueiro torna-se o personagem marcante na formação psicológica do sertanejo: goza de liberdade ampla e é quase um sócio do patrão. De cada quatro bezerros nascidos sobre sua guarda, um lhe pertence. E dono também de gado, passa a ocupar parte das terras do território do coronel. A lida com o gado na caatiga faz do vaqueiro um homem orgulhoso de sua condição. Ele é aquele que leva e traz as notícias de outras fazendas.
- Mas, no século XX, o panorama social do interior foi modificado com o cultivo do algodão: “diversificam-se as relações de produção, multiplica-se a pequena propriedade e se estabelece a meação e outros tipos de parcerias nas relações entre proprietários e trabalhadores sem terra” (BARROSO, 231). É desse seguimento social que gera a denominação “trabalhador rural”, facilitando o associativismo e a vida gregária.

## **4. Formação religiosa do povo cearense**

- A profunda revolução cultural passa pela profunda dimensão religiosa do povo do sertão. Não há como negar que o semiárido tem um catolicismo popular historicamente enraizado, bastante presentes nas formas de resistência, principalmente quando se trata das vítimas da seca.
- As influências culturais do índio, do branco e do negro contida nas experiências trazidas pelos migrantes, fez com que no semiárido germinasse uma cultura própria: músicas de baião, dança do xaxado, festas de vaquejadas e juninas, uma arte própria, romarias, festas de padroeiros, beatos, grupos de folguedos, uma política de coronel e uma história de resistência.
- São migrações de fuga da seca e religiosas em busca da “nova Canaã”. E a mistura desses povos, vindos de diversos lugares para o Ceará contribuiu para a revolução cultural neste território.

## 4.1. O movimento dos beatos e a organização social dos camponeses

- A região do Cariri cearense é uma espécie de oásis dentro do sertão. Tem um clima mais ameno do semiárido nordestino, onde o solo é mais permeável e isto favoreceu este território a ser lugar de refúgio dos sertanejos acossados pelas secas do Nordeste.



## 4.2. Presença de Pe. Ibiapina

- A presença do missionário Ibiapina nos anos 70 do século XIX, possibilitou nova concepção da religião Católica Apostólica Romana.
- Pe. Ibiapina se empenhava na promoção social dos pobres, de homens e mulheres mais desfavorecidos, exercitando a política de caridade.
- Após a morte do Pe. Ibiapina, conhecido como Padre Mestre, ampliou-se o número de beatas e beatos ligados aos vigários do sertão.
- Destes personagens surgem Antônio Vicente Mendes Maciel – o futuro Conselheiro de Canudos na Bahia e Pe. Cícero Romão Batista.

- Esse tipo de visão religiosa do Pe. Ibiapina influenciou o Pe. Cícero Romão Batista (1844-1944) na construção social de Juazeiro do Norte, tendo como máxima “oração e trabalho” onde cada casa teria em sua sala um oratório e no quintal uma oficina para fabricação de artigos manufaturados ou artefatos de couro, de palha, da fibra, da madeira, do cipó, do barro, do gesso.
- Existia também tendas de ferreiro, oficinas de sapateiro, de funeleiro e de seleiro.
- Isso dava ocupação ao povo.
- Ao lado das oficinas utilitárias surgiram artesãos da fé e medalheiros para atender ao crescente mercado de fiéis, o qual se estendeu a todo Nordeste.
- Pe. Cícero também influenciou no fortalecimento dos folguedos da região, principalmente os reisados.

- No final do século XIX, muitos romeiros migraram para a região do Cariri. Era uma massa de camponeses que se fixavam em Juazeiro por conta do episódio do milagre da hóstia que se transformou em sangue na boca da beata Maria de Araújo em 1º de março de 1889.
- Esta gente era encaminhada pelo Pe. Cícero para trabalhar nas fazendas da região. Mas, também, aglomerados de romeiros formaram comunidades camponesas em terras do Padre Cícero e na Chapada da Serra do Araripe: Baixa Grande entre Santana do Cariri e Altaneira, Serrinha no município de Granjeiro, Monte-Serrá em Caririaçu, Cacimbas em Jardim e Caldeirão da Santa Cruz do Deserto em Crato.
- Cada uma dessas comunidades era orientada por beatos que, de modo intenso, se dedicavam, quase que exclusivamente, a rezar nas igrejas, visitar doentes, enterrar os mortos, ensinar orações, etc.

### 4.3. O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto

- A comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, firmada na utopia do *bem viver e bem conviver*, adquire uma consciência camponesa que se abre ao passado marcado pela miséria, pela fome e pela exploração, pela expulsão e exclusão da terra.



Imagem de Caldeirão Vivo – em:

<https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo/photos/pb.100064056334542.-2207520000/483907795068125/?type=3> Acessado em 25 de agosto 2023

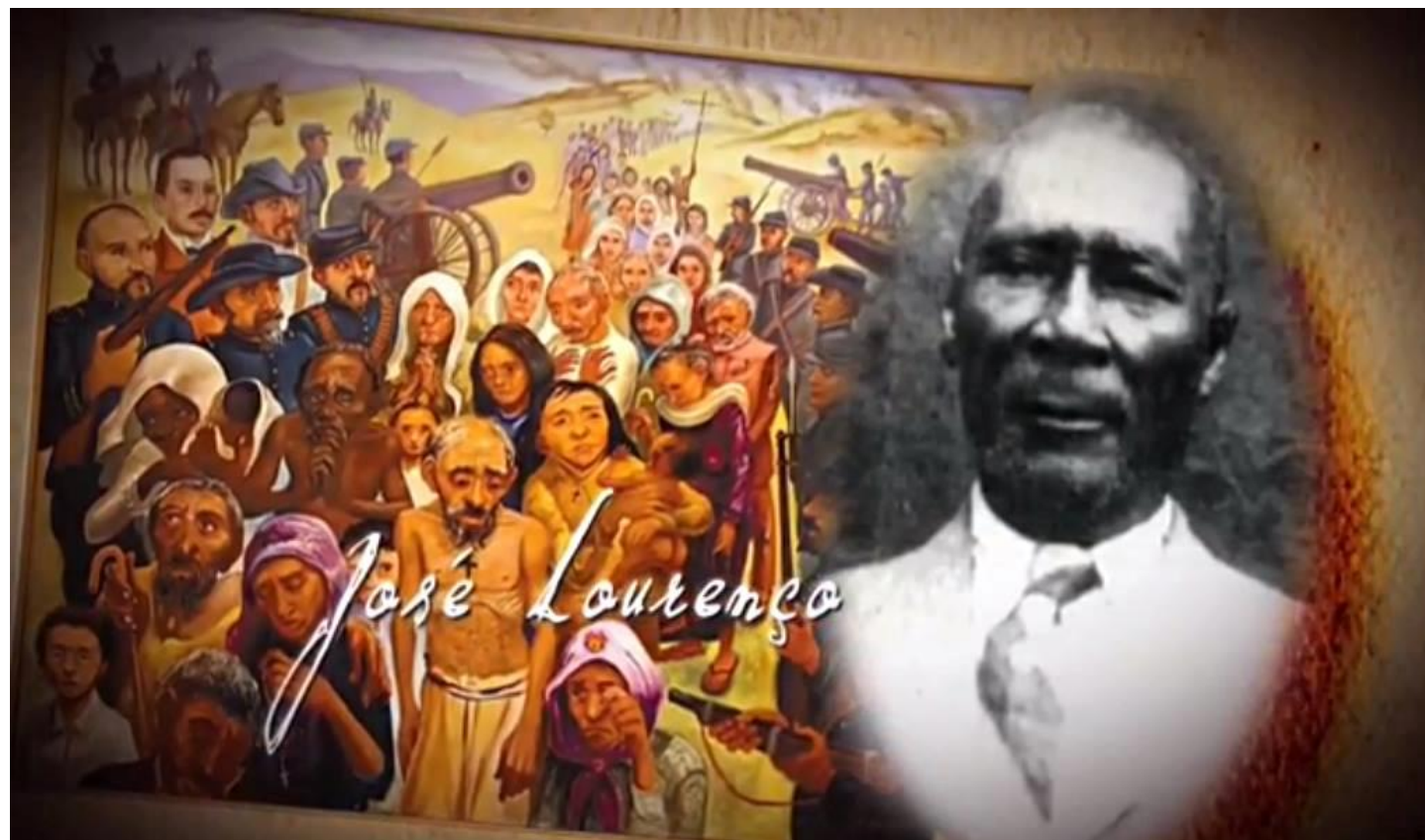
- Trata-se de uma consciência marcadamente pela expulsão, uma consciência de fim de era, de fim dos tempos, tipicamente apocalíptica.
- É uma consciência política em que o sertanejo consegue enxergar o Caldeirão como o futuro, ou seja, o fim do sofrimento, o reino da abundância, onde não há brecha para o capitalismo.



- No Caldeirão da Santa Cruz do Deserto se concretiza a utopia do campesinato de conquistar ou reconquistar a terra como meio básico de trabalho e vida, a “terra prometida” presente no imaginário dos nordestinos.
- Por isso, tanto Canudos, Contestado e Caldeirão tendem a ser tipicamente comunidades de resistências à expansão capitalista e resistência à sua destruição pelo capital. Nestas comunidades, o campesinato se recria.

Imagem de Caldeirão Vivo – em:

<https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo/photos/pb.100064056334542.-2207520000/387078668084372/?type=3> Acessado em 25 de agosto 2023



## Considerações finais

- A marcha dos camponeses para chegar ao Caldeirão, entre meados do século XIX e começo do século XX, se sucedeu em cadeia com os movimentos de rebelião de pobres do campo: Canudos (1893-1897), Contestado (1912-1916) e Caldeirão (1926-1936).
- Tratava-se de uma recriação do campesinato sertanejo de base religiosa, antes marcada pela submissão e a dependência ao patrão, caracterizados pela fome e a morte muito presentes na vida dos nordestinos.

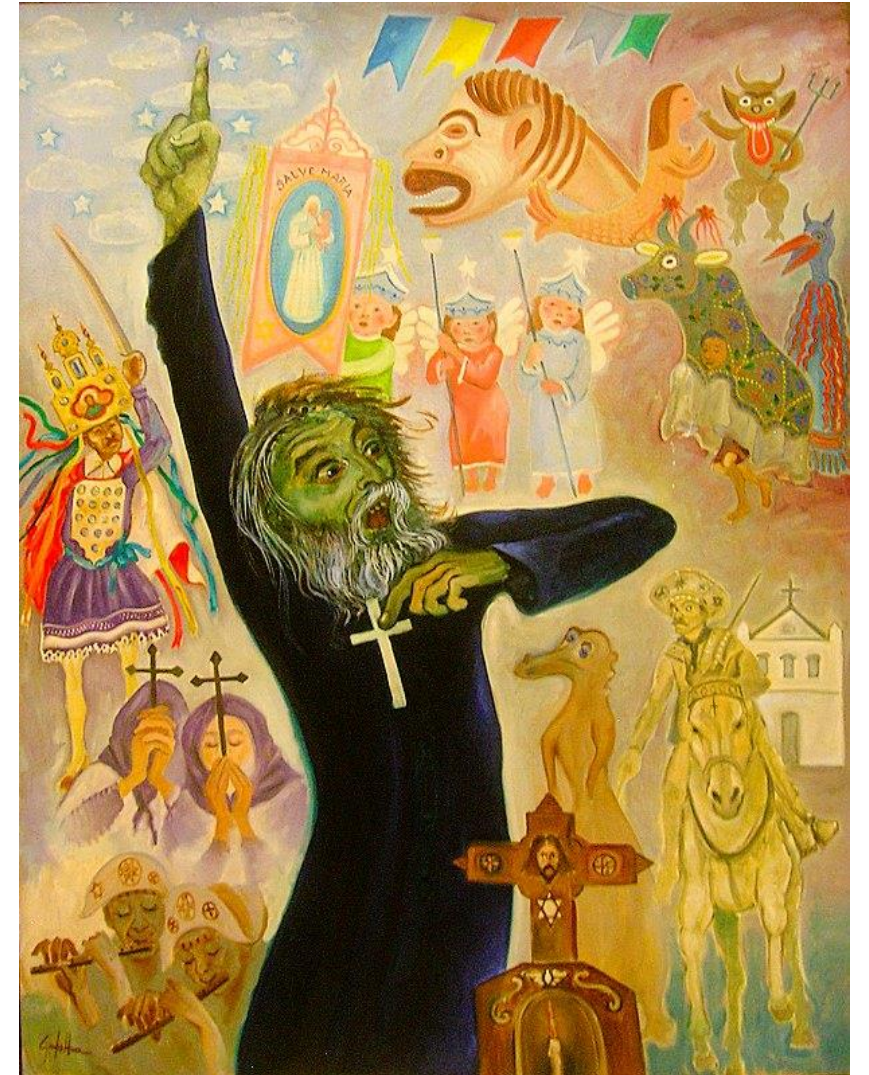


Imagem de Caldeirão Vivo – em:

<https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo/photos/pb.100064056334542.-2207520000/476879349104303/?type=3> Acessado em 25 de agosto 2023

- Com a consciência política dos sertanejos, a seca deixa de ser uma questão climática para se tornar uma questão social: “miséria, fome, destruição da produção, dispersão da mão-de-obra, migração, invasões às cidades, corrupção, saques...” (Neves, 2000, p. 78-80).

- **E Juazeiro do Norte, 1889, tornou-se novo referencial para os retirantes da seca dos três oitos (1888).**

- **O “milagre da hóstia” passa a simbolizar uma motivação da “mística” dos camponeses que se configura no “(re)encantamento” de um futuro próspero sem fome e miséria na superação de estruturas causadoras de fome e morte.**

- O suposto “milagre” não estava isolado dos “movimentos rebeldes” dos camponeses.
- A materialização do milagre se confirma na comunidade do Caldeirão, onde era grande a fartura de pão para os famintos.
- Tratava-se de uma comunidade messiânica formada por romeiros e considerada pela república como “uma nova Canudos” que tinha como líder o beato José Lourenço.



Imagem de Caldeirão Vivo – em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=477346409057597&set=pb.100064056334542.-2207520000> Acessado em 25 de agosto 2023